

HISTÓRIA ANTIGA EM PERSPECTIVA: PROJEÇÕES E DESAFIOS FUTUROS



ANCIENT HISTORY IN PERSPECTIVE: PROJECTIONS AND
FUTURE CHALLENGES

Camila Condilo¹

Joana C. Clímaco²

Marcia Severina Vasques³

Com enorme satisfação, apresentamos aos antiquistas, historiadores em geral e demais leitores interessados o primeiro dossiê da *Revista Canoa do Tempo* inteiramente voltado para a Antiguidade. Esta publicação simboliza um momento importante para os estudiosos do campo, em que a História Antiga deixa de ser protagonizada unicamente por universidades do eixo Sul-Sudeste e alcança todas as regiões e estados do Brasil. Isso não teria sido possível sem a expansão universitária possibilitada pelos últimos governos progressistas de Lula e Dilma e suas políticas voltadas para a expansão acadêmica, além do aumento exponencial de concursos públicos, especializando áreas até então carentes de estudiosos. Essa realidade resultou também na expansão das pós-graduações, nas iniciações científicas, na criação de laboratórios de pesquisa e na quantidade e frequência de eventos de Norte a Sul.

Esse cenário favorável se soma aos esforços dos acadêmicos da área de buscarem cada vez mais interlocução nacional e internacional, que começa a colocar nossos antiquistas em um patamar comparável aos dos grandes centros estrangeiros, que sempre contaram com mais recursos, especialistas, bibliotecas

¹ Professora Adjunta de História Antiga na Universidade de Brasília (UnB).

² Professora Adjunta de História Antiga na Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

³ Professora Associada de História Antiga na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).



e financiamentos para pesquisa. De um lado, tal cenário contribui para “decolonizar” o campo nacionalmente, de outro, evidencia a importância da colaboração entre as diversas subáreas da Antiguidade, as outras disciplinas das Ciências Humanas e os múltiplos contextos de conhecimento, demonstrando a importância da diversidade de perspectivas, de objetos e de metodologias de trabalho acessíveis aos nossos acadêmicos. Entendemos que tais saberes não se desenvolvem em isolamento, mas através da interlocução, possibilitada pela especialização em laboratórios locais, mas também pela articulação com redes acadêmicas internacionais, que hoje permitem o acesso a bancos de dados, acervos de museus e catálogos de lugares tão remotos e diversos quanto os assuntos e temáticas estudadas. Se para outras áreas da História é mais possível caminhar individualmente, os saberes antigos não se sustentam sem o diálogo e intercâmbio entre fontes e campos diversos.

Ademais, se durante muito tempo a Historiografia tradicional da Antiguidade foi pautada e estabelecida pela tradição textual greco-romana e pelos núcleos europeus que se consideravam detentores e herdeiros desse conhecimento, na atualidade os antiquistas têm entendido a importância e a urgência da diversificação de contextos de estudos e de seus objetos de pesquisa, que envolvem fontes literárias, papirológicas, epigráficas, iconográficas e materiais. Muito pesquisadores também têm se dedicado a compreender as apropriações e usurpações da Antiguidade ao longo do tempo, notando também o quanto o mundo antigo produz encantamento e interesse de um lado e, de outro, a sensação de exotismo e estranhamento. Pensar a Antiguidade dessa forma mais pluralizada e crítica ao eurocentrismo, portanto, revela-se também como uma experiência de alteridade tão necessária aos nossos tempos, nos colocando em contato com as mais remotas e distintas concepções de pensamento, cultura, religião e organizações sociais no tempo e no espaço. Conforme os argumentos elencados por Alex Degan e Cláudia Regina Bovo no artigo “As temporalidades recuadas e sua contribuição para a aprendizagem histórica: o espaço como fonte para a História Antiga e Medieval”:

Se a alteridade pode vir de uma dimensão sincrônica (espacial),
é na sua dimensão diacrônica que ela destaca a mudança como
elemento primordial da história disciplinar. De certa forma,



quando falamos das sociedades antigas e medievais, falamos de uma cultura histórica que ainda nos diz respeito, que ainda nos implica, sobretudo, na definição daquilo que não somos. Por que estudantes se encantam com a fantasia facilmente comercializada sobre essas temporalidades pelos produtos de entretenimento contemporâneo? Se encantam porque esses produtos valorizam aquilo que lhes parece excêntrico nessas sociedades, valorizam aquilo que pelo estranhamento lhes parece muito distante da sua realidade.⁴

As apropriações da Antiguidade estão por todo lado. Só para citar alguns exemplos do nosso cotidiano atual, podemos observar os sambas-enredo do carnaval do Rio de Janeiro que todo ano trazem repetidas referências ao Egito faraônico, as mídias dos *games* que cativam adolescentes, como o famoso *Assassin's Creed*, as dispendiosas produções hollywoodianas e as diversas novelas religiosas produzidas pela Rede Record. Portanto, passado e presente estão perpetuamente dialogando. Urge, então, continuarmos enriquecendo esse repertório cultural na Educação Básica também com olhares do Sul Global, ao invés de sempre buscarmos nossas referências nos moldes educacionais norte-americanos e europeus. Produzir História Antiga no Norte do Brasil também evidencia a importância da articulação entre demandas locais e contextos globais.

Nas últimas duas décadas, a História Global tem se colocado como uma alternativa interessante para explorar novas possibilidades de análise. Não somente pela ênfase que coloca na crítica ao eurocentrismo e, diante disso, na necessidade de contemplar contextos antes obscurecidos, como diversas realidades africanas e euroasiáticas, mas também através do entendimento de que as realidades históricas não se produzem no vácuo e no isolamento, mas na intersecção e nas influências recíprocas com outras culturas e experiências. Nesse sentido, além do “eurocentrismo morfológico”, diversas propostas da História Global visam também criticar o “nacionalismo metodológico” das perspectivas tradicionais,⁵ que encapsulavam culturas e povos em “formas ou fôrmas”,⁶

⁴ BOVO, Cláudia Regina; DEGAN, Alex. “As temporalidades recuadas e sua contribuição para a aprendizagem histórica: o espaço como fonte para a História Antiga e Medieval”. **Revista História Hoje**, v. 6, nº 12, 2017, p. 72-73.

⁵ MORALES, Fábio Augusto; SILVA, Uíran Gebara da. “História Antiga e História Global: afluentes e confluências”. **Revista Brasileira de História**, vol. 40, n. 83, 2020, p. 127-128.; CONRAD, Sebastian. **O que é a história global**. Lisboa: Edições 70, 2019, p. 13-15.

⁶ GUARINELLO, Norberto Luiz. “Uma morfologia da História: as formas da História Antiga”. **Politéia**, vol. 3, n. 1, 2003, p. 42.



desconsiderando diversos contextos de multiculturalismo, influências e intercâmbios, mesmo na gênese do que se entendia por “civilização ocidental”.

As propostas aqui apresentadas evidenciam essa diversidade de perspectivas e objetos disponíveis aos novos e, nem tão novos, classicistas, egiptólogos, orientalistas e antiquistas de forma geral. Assim, o dossiê “História Antiga em perspectiva: Projeções e desafios futuros” é composto por sete artigos.

Iniciamos com um artigo teórico que enfatiza justamente a importância da História Global como uma alternativa teórico-metodológica enriquecedora para a área. O artigo de Emilly Nayra Soares Albuquerque e Ramon Nere de Lima, “A História Antiga em movimento: a História Global como possibilidade às novas abordagens”, questiona de que forma a História Global tem colaborado para uma diversificação da História Antiga. Trata-se de uma síntese que visa discutir de que maneira tais proposta teórico-metodológicas estão fornecendo ferramentas e alternativas para problematizar, sobretudo, o eurocentismo e o “nacionalismo metodológico” das perspectivas tradicionais, que consolidaram uma visão de história centrada na trajetória greco-romana como ápice civilizatório da Antiguidade, gerando as principais referências de sociedade para a Europa moderna. Albuquerque e Lima demonstram de que forma o aparato crítico da História Global, embora inicialmente pensado para entender realidades capitalistas e o colonialismo moderno, tem se revelado como uma alternativa teórica enriquecedora para redimensionar e valorizar a diversidade de experiências antigas que foram negligenciadas pela macronarrativa hegemônica da História Antiga.

Em seguida, dois artigos se dedicam a analisar questões religiosas no campo da Egiptologia. Um deles é voltado para o contexto iconográfico tebano no Reino Novo (1550-1070 A.E.C.), enquanto o outro apresenta o cenário historiográfico durante o século XX e início do XXI acerca da chamada Literatura Hermética, textos produzidos em um contexto mais multicultural do Egito greco-romano (entre os séculos IV A.E.C. e IV E.C.), evidenciando a intersecção entre os saberes faraônicos, helênicos e persas.

Em “Entre a materialidade e o discurso funerário das portas-falsas de tumbas tebanas: a porta do Além de Nakht (TT52), Reino Novo, Egito Antigo”,



Pedro Hugo Canto Núñez discorre sobre a porta-falsa da tumba de Nakht (TT52), uma tumba tebana de particular datada do Reino Novo (c. 1550-1070 A.E.C.). Sua proposta é analisar a tumba utilizando-se da teoria do engajamento material proposta por Lambros Malafouris, articulando as interpretações de texto, da imagem e da estrutura arquitetônica desse espaço funerário. Na primeira parte do artigo, o autor aborda a estrutura da tumba, sua função na sociedade egípcia e a questão da sua materialidade e, na segunda, detém-se na interpretação das cenas iconográficas e das inscrições hieroglíficas. Os estudos desses elementos que compõem a tumba permitem perceber a função da porta-falsa como uma ponte entre o mundo terreno e o além. Nesse sentido, a teoria do engajamento material com seu propósito holístico de associação de espaço arquitetônico, paisagem, texto e imagens, considerada em conjunto com o estudo do contexto egípcio do Reino Novo, mostra-se pertinente à análise da cultura material do Egito Antigo.

André Luiz Silva Effgen, no artigo “A literatura hermética: um percurso historiográfico”, apresenta o percurso da literatura hermética na academia moderna durante o século XX e o primeiro quartel do século XXI, discorrendo sobre os principais debates relacionados a essas fontes, testemunhas da grande interação cultural no Mediterrâneo Antigo. Englobam a literatura hermética um conjunto documental formado por tratados filosófico-religiosos e de astrologia, papiros mágicos e manuais de alquimia, destacando-se, entre esses, o chamado *Corpus Hermeticum*, coletânea organizada durante o período renascentista. Effgen aborda as principais interpretações da academia moderna a respeito do hermetismo, passando pela Escola Alemã da História das Religiões e da Filologia, pelos helenistas e encerrando com as propostas mais atuais que marcaram o retorno às fontes egípcias, enfoque que se desenvolveu, sobretudo, após a descoberta dos códices de Nag Hammadi. A ênfase nos estudos multiculturais que vivenciamos na atualidade marca as novas interpretações dos textos herméticos, não associados apenas a uma dada cultura e sim observados nas conexões e influências entre tradições distintas, mas conectadas, como a egípcia e a grega no contexto do Egito greco-romano.



O artigo seguinte também apresenta uma proposta pautada em questões religiosas, mas sublinha as resistências e as influências bíblicas e extrabíblicas de um texto judaico produzido no período helenístico. O artigo de Victor Passuelo, “A defesa da cidade e do templo de Jerusalém em Judite e 1 Macabeus: um diálogo entre trauma, globalismo e memória”, analisa dois textos judaicos produzidos no período helenístico em diferentes contextos. Passuelo entende que algumas temáticas presentes no 1 Macabeus seriam retomadas no livro de Judite e utilizadas como artifício de rememoração de traumas judaicos anteriores. Através do instrumental da História Global, a contribuição de Passuelo observa que, embora ambos se insiram em contextos de resistência literária judaica a impérios estrangeiros, a forma como articulam suas temáticas são diferentes. Portanto, se o 1 Macabeus influencia o posterior livro de Judite, apresentando algumas aproximações, determinadas diferenças também se sobressaem entre as duas tradições. Além de abordar o contexto bíblico que aproxima tais livros, Passuelo também analisa as influências da literatura grega, sobretudo Heródoto, presentes nesses textos judaicos, argumentando como o período helenístico foi favorável para a circulação de conhecimentos e saberes pelo ecúmeno conhecido. Tal cenário intensificou contatos e intercâmbios entre povos distintos, dessa forma, o livro de Judite é um exemplo de como os judeus helenísticos “glocalizavam” conceitos e referências estrangeiras, atendendo as suas próprias demandas, de forma a ordenar sua memória acerca de traumas e aprendizados de experiências passadas.

O artigo “(Re)Encontrando Pausânias: uma investigação da descrição da Grécia à luz da historiografia”, escrito por Arhão Henrique Ramos da Silva, realiza uma apresentação geral sobre Pausânias, sua obra (*Descrição da Grécia*) e da historiografia acerca de ambos. Nesse processo, o autor aborda inúmeros aspectos-chaves do tema em questão: autoria da obra, biografia do possível autor, datação do documento, contexto de produção, organização literária dos conteúdos, a recepção moderna do texto, além de pontos específicos importantes, como a relação de Pausânias com a história, os conceitos de *lógoi* e *theorémata* e a classificação de seu trabalho no gênero *periēgēsis*. Uma vez que Pausânias é um autor um tanto negligenciado pela historiografia brasileira e mesmo lusófona de

forma geral, o material constitui uma contribuição importante para os estudos sobre Pausânias e a *Descrição da Grécia* em nosso país.

Dois artigos do dossiê ressaltam o diálogo do presente com o passado por meio dos estudos de recepção, sendo um no campo do cinema e outro da literatura. O artigo de Abner Alexandre Nogueira, “A recepção de *Imortais* (2011) de Tarsem Singh nas tendências históricas monumental, antiquária e ética-crítica”, busca compreender elementos de historicidade do filme, que oferece uma releitura distanciada das fontes antigas (ex: *Vida de Teseu* de Plutarco ou a *Biblioteca* de pseudo-Apolodoro) acerca dos mitos sobre Teseu. Essa releitura mistura aspectos históricos da Grécia antiga e de outros períodos, problemas contemporâneos, diálogo com outras produções fílmicas similares de sua época de criação e questões pessoais do próprio diretor. Para tanto, o autor lança mão dos conceitos de história monumental, antiquária e ética-crítica definidos por Nietzsche e aplicados ao cinema épico estadunidense por Deleuze e Burgoyne. Dessa forma, Nogueira conclui que, acerca da questão monumental, o herói grego constitui um modelo a ser seguido por seus feitos, coragem e força. Além disso, o filme também funde nesse quesito características de temporalidades históricas distintas (ex: elementos da cultura cristã com anjos no Olimpo). Sobre a abordagem da história antiquária, o autor resalta a influência estética de Caravaggio no âmbito do sagrado, com um jogo de claro e escuro e uso de tons vermelhos para realçamento. Por fim, no que tange à história ética-crítica, Nogueira defende que as questões da crença ou descrença nas divindades e do destino/livre-arbítrio são temas chaves em *Imortais* e que expressam um dilema pessoal do diretor em torno da relação com sua mãe (um ateu e a outra religiosa). Assim, há “uma clara compreensão do presente transpassando a recepção do passado, sendo a mitologia grega pano de fundo para questões caras ao presente e não aos gregos, confirmando a hipótese de uma recepção distanciada” (p. 29).

Por fim, o artigo de Rodrigo de Miranda, “‘Le monde finit toujours par vaincre l’histoire’: Recepção da antiguidade em *Le vent à Djémila* (1938) de Albert Camus”, aborda a presença marcante, embora um tanto idiossincrática, da antiguidade clássica na obra de Camus a partir de um estudo de caso específico: o ensaio *O vento em Djemila*. O autor argumenta que, nesse ensaio, Albert Camus



(1913-1960) utiliza o tema das ruínas de uma outrora pujante vila romana (Djemila) para refletir sobre a relação entre o desejo humano de perenidade e a inexorável realidade da finitude. Através de uma associação entre a morte da paisagem e a morte de si próprio, Camus confronta a natureza (materialidade última da existência) com a história (noção de evolução e linearidade histórica) e parece sugerir uma alternativa ética e filosófica pautada pelo ideal grego de moderação e justa medida em contraposição aos delírios de grandeza da modernidade (ex: crença no progresso e imposição do colonialismo). Dessa forma, Camus, para o autor, reavalia a relação com o tempo e com o destino, deixando de lado “as ilusões de continuidade e redenção prometidas pelas modernas concepções da história” (p. 23) em prol do reconhecimento da morte e da limitação humana “como partes inescapáveis da existência” (p. 4). Uma vez que a aceitação é a única resposta possível diante da morte, para Camus, o mundo/natureza acaba sempre por vencer a história.

Esse panorama geral é apenas um aperitivo do que aguarda o leitor nas próximas páginas. É certo que, dadas as limitações de tempo e espaço em uma empreitada como esta, não foi possível ampliar tanto o escopo de temas e abordagens como gostaríamos. Mas acreditamos que as amostras aqui disponíveis são bastante representativas das inovações e diversidade que apontamos no começo e ilustrativas do fato de que a Antiguidade continua oferecendo um repertório inesgotável de conhecimento e de experiências humanas díspares. Para nós, foi um imenso prazer não só organizar este dossiê, mas também aprender com ele. Esperamos que as pessoas que por ele venham a se interessar igualmente encontrem aprendizados ou alguma coisa que lhes seja útil.

Referências

BOVO, Claudia Regina; DEGAN, Alex. “As temporalidades recuadas e sua contribuição para a aprendizagem histórica: o espaço como fonte para a História Antiga e Medieval”. **Revista História Hoje**, v. 6, nº 12, 2017, p. 55-76.

CONRAD, Sebastian. **O que é a história global**. Lisboa: Edições 70, 2019.

GUARINELLO, Norberto Luiz. “Uma morfologia da História: as formas da História Antiga”. **Politéia**, vol. 3, n. 1, 2003, p. 41-61.



MORALES, Fábio Augusto; SILVA, Uiran Gebara da. “História Antiga e História Global: afluentes e confluências”. **Revista Brasileira de História**, vol. 40, n. 83, 2020, p. 125-150.

